

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA ESPÉCIE *Pavo cristatus* CATIVO NO ZOOLOGICO MUNICIPAL DANILO JOSÉ GALAFASSI NO MUNICIPIO DE CASCAVEL-PR

**PRADO, Luciane Vieira do¹
ALESSIO, Carlos Eduardo²**

RESUMO

Todas as espécies em seu habitat natural apresentam comportamentos padrões que servem de base para a comparação da conduta exercida em cativeiro e qualquer alteração comportamental pode indicar que o animal não está bem ou não está alcançando o bem-estar, podendo apresentar estereotípias. A condição imposta pelo cativeiro é capaz de garantir a sobrevivência, no entanto, nem sempre é capaz de garantir o bem-estar do animal já que difere de seu habitat natural. A coleta de dados foi realizada com base na metodologia de Del Claro (2004): Animal focal ou “*Ad libitum*”, através de áudios, durante 15 dias. O presente trabalho teve como objetivo complementar informações disponíveis sobre a biologia do Pavão Azul (*Pavo cristatus*) quando mantido em cativeiro. Após a elaboração de um etograma qualitativo e quantitativo foram apresentados 36 comportamentos agrupados em 9 categorias. Os mais expressos foram “vigilante”, “limpar penas” e “andar”. O repertório comportamental obtido por esse estudo enriquece o meio científico a respeito desta ave, enfatizando ainda mais o fato de ser o primeiro estudo voltado para o *Pavo cristatus* mantido em cativeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Pavão azul, cativeiro, estereotípias.

BEHAVIORAL ANALYSIS OF THE SPECIES *Pavo cristatus* AT THE MUNICIPAL ZOO DANILO JOSÉ GALAFASSI IN CASCAVEL CITY - PR

ABSTRACT

All species in their natural habitat have standard behaviors that serve as basis for the comparison of conduct exercised in captivity and, any behavioral change may indicate that the animal is not well or is not achieving well-being, which could present stereotypies. The condition imposed by the captivity is able to guarantee survival, however, it is not always able to guarantee the animal welfare, since it differs from its natural habitat. The collection of data was accomplished with base in the methodology of Del Clear (2004): focal animal or "Ad libitum", through audios, for 15 days. The present paper had as objective to complement available information about the Blue Peacock (*Pavo cristatus*) biology, when kept in captivity. After the elaboration of a qualitative and quantitative etogram, 36 behaviors were presented, grouped into 9 categories. The most expressed were "watchful," "clean feathers," and "walk." The behavioral repertoire obtained by this study enriches the scientific world about this bird, emphasizing even more the fact of being this, the first study aimed at the *Pavo cristatus*, kept in captivity.

KEY WORDS: Blue peacock, captivity, stereotypy.

¹ Acadêmica de Ciências Biológicas – Bacharelado – Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – Cascavel, PR. Email: Lucianevieira22@hotmail.com.

² Biólogo. Especialista em Educação. Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – Cascavel, PR. Email: Alessiobio@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Dentre os poucos trabalhos envolvendo o *Pavo cristatus*, Silva e colaboradores (2005) o trouxeram classificado taxonomicamente como Ave, pertencente à ordem *Galiforme* e a família *Phasianidae*, conhecido popularmente como Pavão Azul. Originários da Ásia, chamam atenção pela exuberante coloração de suas penas. São aves de grande porte, podendo chegar a dois metros de comprimento, incluindo o leque e possuem aproximadamente oitenta centímetros de altura. O Pavão necessita correr uma determinada distância para que consiga erguer voo, no entanto, o mesmo é desajeitado e ruidoso. A exuberante coloração de suas penas o consagrou uma ave ornamental, tendo assim, sua beleza como justificativa para a criação em cativeiro, sendo então encontrado em jardins de mansões particulares pelo mundo todo como demonstração de grande poder aquisitivo.

É uma ave territorialista e sente-se incomodada com outros animais no mesmo território, principalmente se estes forem machos da mesma espécie. Nesse caso, o macho "dono" do território invadido, luta com o invasor, até que este se retire. Em seu habitat natural, alimenta-se duas vezes ao dia, sendo uma pela manhã e a outra pela noite, tendo em seu cardápio folhas, pequenos mamíferos e répteis. Passam as noites em topos de árvores, e ao sentirem-se ameaçados se abrigam nesses locais. Como característica da espécie, costumam gritar ao anoitecer e, em períodos de acasalamento, esses gritos tornam-se desagradáveis, porém, esta é a forma que atraem seus parceiros. Apresentam dimorfismo sexual e poligamia (mais de um vínculo sexual), na maioria das vezes os ninhos são construídos debaixo de arbustos. Sua oviposição é cerca de quatro a seis ovos, que eclodem após vinte e oito dias. Nos machos a cabeça e o pescoço são azuis, possuindo crista pequena e dorso de coloração verde, sendo esses, abrigo para suas asas, que ficam visíveis para o vôo. As penas de sua cauda são alongadas com ocelos (estrutura da pena que lembram olhos) de cores diversas e iridescentes. Nas fêmeas, a coloração cinzenta é uma característica marcante e, no geral, a região do abdomen é branca. Possuem crista pequena e sua cauda difere totalmente da do macho, sendo ela curta e não possuindo ocelos.

A beleza e coloração das aves ornamentais, além da capacidade de imitação e companheirismo, despertam grande interesse, fazendo com que essas sejam, cada vez mais, criadas em cativeiro, gerando assim, uma preocupação quanto ao bem-estar desses animais. Essa preocupação com a qualidade de vida dessas aves, bem como o equilíbrio de seu organismo fazem-se necessários para a defesa contra doenças (MARCHI, 2009).

Os jardins ou parques zoológicos são locais destinados à coleção de animais selvagens para a exibição ao público, preservação e reprodução dos mesmos. Seu princípio teve início com os egípcios, que mantinham animais selvagens em seus templos como símbolo de força e poder (WHEATER *et al.*, 1992 *apud* SILVA e MACEDO, 2013). Essa cultura se espalhou e cidadãos passaram a colecionar espécies exóticas. “Quanto mais selvagem e raro fosse o animal, mais status social adquiria seu proprietário” (ALMEIDA, 2005, p.02 *apud* SANDERS e FEIJÓ, 2007; SAAD *et al.*, 2011). O “Jardin des Plants” fundado no século XVIII localizado em Paris, na França; foi o primeiro zoológico público e abrigava animais retirados de circos e de outros shows que os utilizavam (SANDERS e FEIJÓ, 2017).

Em território brasileiro, a história dos zoológicos iniciou-se no final do século XIX, momento em que houve uma grande expansão populacional, surgindo então, as primeiras coleções de animais silvestres em parques. As mudanças climáticas repentinas e a incapacitação de se adaptar a essas rápidas mudanças, faz com que cada vez mais espécies tenham o cativeiro como único refúgio para sobrevivência. Sendo assim, para Munson e Cook (*apud* Viana, 2016), os zoológicos possuem um papel extremamente importante, pois é um local de preservação das espécies, tanto fauna como flora, nativo e exótico. Saad (2011, p.3) traz em sua pesquisa que “o primeiro zoológico brasileiro foi criado em 16 de janeiro de 1888, no Rio de Janeiro quando o Barão de Drumond fundou, no bairro de Vila Isabel, uma área de riachos, lagos artificiais e uma extensa coleção de animais”. No entanto, somente em 1900 foi demonstrado preocupação com os animais, quando o naturalista Carl Hagenbeck fundou, na Alemanha, o “Stellingen Zôo” com cativeiros que simulavam o habitat natural dos animais. A partir de então, outros países passaram a ter o “Stellingen Zôo” como modelo e apesar do interesse financeiro, o bem-estar animal passou a ser considerado e respeitado (BOSTOCK, 1998 *apud* SANDERS e FEIJÓ, 2007; SAAD *et al.*, 2011).

Conforme o relato de Pires (REVISTA COLETIVA, 2011), a história do zoológico é tão antiga quanto a adaptação humana ao ambiente urbano. No Brasil, são mais de 120 zoológicos e aquários distribuídos por seus estados, sendo eles responsáveis pela manutenção e conservação *ex-situ* de cerca de quarenta mil exemplares da fauna selvagem.

Alguns países desenvolvidos possuem leis onde os criadouros devem propor exercícios físicos e mentais para os animais. Isso indica que a sociedade vem se preocupando com o bem-estar animal, e, proporcionar essa qualidade é impossível sem conhecimento prévio dos comportamentos naturais de cada espécie (SNOWDON, 2009). Pelo Artigo 1º da Lei Federal 7173/83, que dispõe sobre o estabelecimento e funcionamento de jardins zoológicos, é considerado jardim zoológico qualquer coleção de animais silvestres mantidos vivos, em

cativeiro ou em semiliberdade expostos à visitação pública. De forma ampla, em seu Artigo 7º, impõe que as dimensões dos Jardins Zoológicos e das respectivas instalações atendam aos requisitos mínimos de habilidade, sanidade e segurança de cada espécie. O Artigo 9º, da mesma lei, dispõe que cada alojamento não poderá comportar número maior de exemplares do que aquele estabelecido e aprovado pela autoridade que concedeu o registro (BRASIL, 1983). A Instrução Normativa 001/89-P, de 19 de outubro de 1989, dispõe sobre os requisitos mínimos para a ocupação de alojamentos em jardins zoológicos, estabelecendo, de acordo com cada família de animais e com o tamanho de seus representantes, um número máximo de exemplares por recinto e algumas recomendações para o espaço físico do mesmo (BRASIL, 1989).

Cada espécie possui suas particularidades anatômicas, e isso não é diferente quando se refere ao comportamento. A etologia, ciência que estuda o comportamento animal, faz grande parte das observações destes em seu habitat natural, o que é de extrema importância, pois quando em cativeiro, sob condições estressantes como, por exemplo, um recinto pequeno, alimentação deficiente, temperatura ambiente não controlada, podem ter seu comportamento repentinamente alterado, podendo causar gravíssimos problemas ao mesmo, como falta de interesse em se reproduzir, atrofia da musculatura, estresse entre outros.

Snowdon (2009) diz que estudar o comportamento animal é interlaçar a biologia à ecologia. O comportamento, como uma das propriedades mais importantes de um animal, conecta organismos ao ambiente e o sistema nervoso ao ecossistema, atua nas adaptações das funções biológicas e ainda, atributos comportamentais podem ser critérios para definição de beleza em um animal. Para ele, a etologia, deveria estar próxima ao topo de prioridades nas pesquisas humanas. Essa ciência permite várias contribuições a outros ramos científicos. Se não houvesse tais contribuições o estudo comportamental humano seria muito reduzido. Sendo assim, alguns cientistas têm considerado o comportamento animal como uma base para interpretação da humanidade e dos problemas sociais (DALY e WILSON, 2005 *apud* SNOWDON, 2009). A compreensão da adaptação entre animais que vivem em uma variedade de habitats e aqueles que se restringem a um habitat limitado, pode auxiliar no entendimento da adaptação humana a diferentes ambientes, possibilitando o estudo de comportamentos voltados ao controle individual perante o estresse. O comportamento animal, relacionado ao ambiente, pode interferir em processos fisiológicos, imunológicos e celulares. Os primeiros indicativos de degradação ambiental são fornecidos pelo comportamento dos animais, como por exemplo, mudanças nos comportamentos sexuais ou migrações que ocorrem fora do período (SNOWDON, 2009).

Para que seja possível a proteção de espécies ameaçadas de extinção é preciso conhecer o comportamento natural das espécies, como sua alimentação, hábitos, reprodução, locomoção, interações com outros grupos, entre outros. Esses comportamentos possibilitam a criação e reprodução em reservas e/ou cativeiros (SNOWDON, 2009). Em animais cativos ocorrem alterações comportamentais, com o intuito de adaptar-se ao cativeiro/recinto. Para que o manejo desses animais seja adequado e que o bem-estar seja garantido, são necessários estudos voltados para esses animais e para os comportamentos exibidos - naturais e alterados (ALBUQUERQUE, 2009 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2014).

São poucos os estudos científicos descritivos sobre a espécie em questão. Sendo assim, é necessário um estudo dos comportamentos apresentados por esta ave quando mantida em cativeiro. Portanto, objetivou-se com o presente trabalho, contribuir para o conhecimento sobre a biologia comportamental do *Pavo cristatus* mantido em cativeiro, por intermédio de um etograma qualitativo e quantitativo.

METODOLOGIA

ANIMAL ESTUDADO

O indivíduo estudado é um representante da espécie *Pavo cristatus* e encontra-se mantido em cativeiro no Parque Zoológico Municipal Danilo José Galafassi, no município de Cascavel, PR. Pertence a uma população composta por cinco indivíduos da mesma espécie mantidos no mesmo cativeiro, sendo três fêmeas e dois machos. Os machos foram analisados e diferenciados através da coloração das penas e comprimento do leque. Um indivíduo destacou-se por conter uma coloração marcante e por seu leque ser maior, o que, segundo os administradores do zoológico, indica que ele é mais velho que o outro macho do recinto (que possui o leque ainda em fase de crescimento), sendo então definido como o indivíduo amostral do estudo apresentado. Este indivíduo nasceu no Parque Zoológico Municipal Danilo José Galafassi, em cativeiro, no dia 08 de fevereiro de 2007, portador da anilha nº OX01170.

LOCAL DE ESTUDO

O Parque Zoológico Danilo José Galafassi encontra-se na Rua Fortunato Beber, Jardim Nova York, no Município de Cascavel-PR (24°57'03.0"S e 53°25'54.2"W). O Parque Zoológico foi criado em 23 de julho de 1976 e possui uma área de 17,91 hectares, visando a preservação do Rio Cascavel e conservação de algumas árvores nativas. No interior do Zoológico, foi inaugurado, em 1992, o Museu de História Natural, possuindo pouco mais de 550 peças expostas entre animais taxidermizados, esqueletos, mostruários de crânios, bicos, chifres, rochas, fósseis e peças arqueológicas de várias regiões do Brasil. Segundo a administração, o plantel do Zoológico é constituído por aproximadamente 68 espécies de animais, sendo 36 espécies de aves, 18 espécies de mamíferos e 14 espécies de répteis, somando um total de aproximadamente 380 animais.

Figura 1: Foto aérea da região do Pq. Zoo. Municipal Danilo José Galafassi.



Fonte: Google maps.

O recinto dos Pavões ocupa uma área de 59,64m² cercada com tela de malha de aço fixada a canos de ferro. Possui um abrigo oferecendo proteção contra intempéries (mau tempo), solário, poleiro feito de galhos de árvores, chão arenoso e pouquíssima vegetação arbustiva e arbórea.

COLETA DE DADOS

A metodologia utilizada para coleta de condutas comportamentais foi a animal focal, chamada também de “*Ad libitum*” (DEL-CLARO, 2004), que consiste em observar o indivíduo amostral entre intervalos definidos de tempo, sem regras específicas para a análise. Os comportamentos observados foram registrados em áudio, através de varreduras de cinco minutos, com intervalos, para descanso, de cinco minutos entre um registro e outro, por três horas consecutivas aleatórias, no período vespertino e matutino, em dias alternados, durante 15 dias, totalizando 45 horas de estudo. Essas observações foram efetuadas a dois metros de distância do recinto, permitindo não só a visão de toda a área de estudo, mas também o registro de movimentos mais discretos da ave. A análise dos dados do presente estudo foi de âmbito qualitativo e quantitativo, com relação às condutas apresentadas durante o tempo de observação, permitindo assim, uma contribuição para o conhecimento do comportamento da espécie *Pavo cristatus* em cativeiro.

Para a elaboração desse estudo foi utilizado como referência o trabalho de Mendes (1998), o qual foi baseado em um estudo de Scheleid e colaboradores (1984), onde apresenta algumas definições que facilitam o entendimento deste trabalho, conforme abaixo:

Orientação do tronco e apêndices: baseada num sistema de seis vetores que se interceptam no centro da gravidade do corpo da ave, conforme a figura 1. As orientações intermediárias, como por exemplo: frente-cima, frente-baixo, definiram-se por vetores que, originando-se no mesmo centro, fazem ângulos de 45° com os acima mencionados.

Orientação do tronco: definida pelo principal vetor que inicia no centro de gravidade do corpo e termina no peito.

Orientação do pescoço: definida pelo vetor do pescoço que se inicia no centro da gravidade do corpo e termina na cabeça, levando em consideração a posição da cabeça relativamente ao tronco.

Comprimento do pescoço: definido pela distância aproximada, entre o tronco e a cabeça.

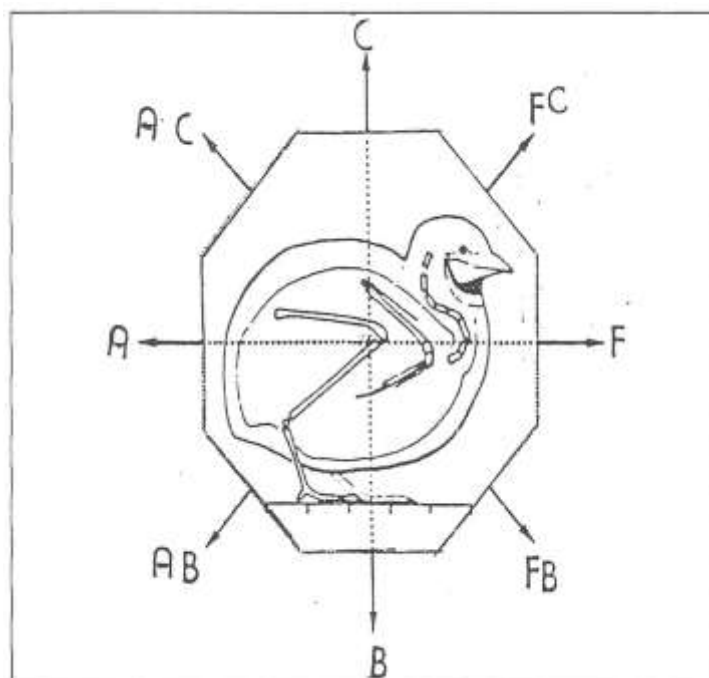
Orientação da cabeça: determinada pela direção do vetor principal da mesma, o qual origina-se no respectivo centro e finda na parte superior da base do bico.

Orientação da asa: determinada pela direção do vetor que se origina no centro de gravidade do corpo e encerra na ponta da remige mais comprida.

Orientação do leque: definida pela direção do vetor originário na cloaca, findando entre as penas centrais.

Posição/situação do leque: “Fechado”: ocorre a sobreposição das penas, as mais curtas sobre as mais longas. “Aberto”: ocorre a exibição de todas as penas.

Imagem 2 – As direções das orientações do corpo.



Autor: SCHLEID *et al.*, 1984 *apud* MENDES, 1998.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa foram observados, identificados e descritos 36 comportamentos agrupados em 9 categorias comportamentais conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Comportamentos observados e agrupados em suas respectivas categorias.

Categorias	Comportamentos
Alerta	Vigilante.
Alimentação	Beber, ciscar, comer.
Descanso	Bocejar, deitado, dormir, parado.
Estereotipia	Coprofagia, ingerir capim, sacudir cabeça, imitar mastigação.
Locomoção	Alçar voo, andar, correr, salto/pequeno voo.
Manutenção	Abrir asa, arrumar asa, banho de areia/esgravatar, coçar, limpar bico, limpar penas, impermeabilização das penas, sacudir plumagem do corpo, erguer para, esticar a pata, urinar/defecar.
Social agonístico	Bicar.
Social não agonístico	Abrir leque, seguir um macho, corte, alocatagem, estufar-se, vocalizar.
Sem categorias identificadas	Bicar a pata, trocar apoio.

Fonte: Próprio autor.

Mench, (1998, p.31 *apud* Almeida, 2016) define o comportamento como “o conjunto de ações de um animal para interagir, responder e controlar o ambiente em que vive”. Com outras palavras, Del-Claro (2010) define comportamento como: tudo que o animal faz, independente de envolver movimentos ou deslocamento. O comportamento tem sido estudado, afim de obter informações importantes para o manejo, preservação, conservação, criação, reprodução e cultivar a qualidade de vida de cativos (SNOWDON, 1999).

Ao todo foram expressos 13.603 registros dispostos em três etogramas (Apêndices B, C e D). Em maior frequência estão os comportamentos “vigilante”, seguidos por “limpar penas” e “andar”.

Um dos atos comportamentais observados, que embora não tenha sido expresso muitas vezes, mas de extrema importância e que mostra muito sobre o animal mantido em cativeiro, sobre o seu bem-estar; é a estereotipia, que foi expressa, ao todo, 641 vezes.

Vasconcellos (2005, *apud* FREITAS, 2016) afirma, que o estresse causado pelas condições impostas pelo cativeiro, pode ser expresso através de condições fisiológicas inadequadas e através de comportamentos anômalos, principalmente estereotipados. Estes comportamentos são repetitivos, não apresentam função aparente e têm sido descritos em animais confinados sob condições que possam comprometer o seu bem-estar (COSTA-E-SILVA *et al.*, 2009; FREITAS, 2016). Broom e Molento (2004) trazem, em seu estudo, alguns comportamentos incomuns, como apontadores de baixo grau de bem-estar e de baixa qualidade de vida das aves; são eles: comportamentos estereotipados, automutilação, bicar de penas, bicar grades e paredes e outras condutas agressivas. Além do movimento da cabeça de um a lado para outro constantemente e andar de um lado para outro (MASON e RUSHEN, 2006). Sanders e Feijó (2007, p.8) concluíram “que a vida em cativeiro leva à comportamentos anormais e, muitas vezes, autodestrutivos, exigindo, por isso, uma forte justificativa científica e ética para esse confinamento”.

O empobrecimento do estado de bem-estar é caracterizado por uma resposta endócrina clássica de estresse, liberando inicialmente adrenalina, que afeta o metabolismo de glicose, e noradrenalina, que aumenta o fluxo sanguíneo, aumentando também os batimentos cardíacos, e, posteriormente, glicocorticoides, relacionando os indicadores fisiológicos com a resposta fisiológica ao estresse (CARLSON, 2002 *apud* COSTA-E-SILVA *et al.*, 2009). Tendo como consequência, a predisposição à doenças. Comportamentos sociais e alimentares anormais funcionam como preditores de doenças (WEARY *et. al.*, 2009 *apud* COSTA-E-SILVA *et al.*, 2009).

Segundo Broom e Johnson (1993, *apud* COSTA-E-SILVA *et al.*, 2009), os comportamentos anômalos surgem quando a harmonização do animal com o ambiente não é bem-sucedida, de frente com estímulos físicos, biológicos ou psicológicos. Para Costa-e-Silva e colaboradores (2009, p.9): “Estereotipias são comportamentos repetitivos que não apresentam função aparente”. É a alteração comportamental indicativa de problemas crônicos com o bem-estar. Em sua pesquisa, traz como solução para comportamentos estereotipados, a eliminação do fator de estresse, consequentemente melhorando o bem-estar do indivíduo.

É natural que cada espécie animal apresente comportamentos padrões. Ao começarem a desenvolver comportamentos diferenciados, podemos considerar como indicativo de que o bem-estar animal não está sendo alcançado. Um dos importantes fatores que levam um animal a apresentar comportamentos anômalos é o cativeiro, que na maioria dos parques zoológicos, não reproduzem as características do habitat natural de cada indivíduo, interferindo diretamente no bem-estar do representante. Para a identificação de comportamentos anômalos é necessário conhecer os comportamentos padrões da espécie na natureza, considerar as adaptações que o indivíduo possa ter sofrido, como por exemplo o contato com o ser humano, analisar parâmetros fisiológicos e observar o animal (SANDERS e FEIJÓ, 2007).

Uma maneira de reduzir os efeitos negativos e alcançar o sucesso no bem-estar animal é através do enriquecimento ambiental, que consiste em enriquecer o cativeiro introduzindo objetos criativos, objetivando-se estimular comportamentos semelhantes ao expressos em seu habitat natural, respeitando suas necessidades e considerando o fato de estarem confinados (SANDERS e FEIJÓ, 2007). Com o enriquecimento ambiental é possível reduzir o estresse, prevenir o aparecimento de comportamentos anômalos ou promover o tratamento (eliminação ou redução) de tais comportamentos e auxiliar na reintrodução de indivíduos à natureza, pois, mesmo estando em cativeiro, o enriquecimento permite um ambiente mais complexo e semelhante ao habitat natural de cada espécie (MILITÃO, 2008 *apud* SILVA e MACEDO, 2013).

Mendes (1998), em seu trabalho com um representante da mesma espécie, observou o ato de banhar-se de areia/esgravatar em indivíduos machos e fêmeas em horários de maior calor, considerando como comportamento natural da espécie. O autor acredita que o intuito de tal ato seja se refrescarem e manterem a integridade de suas penas. Durante o período de amostragem o representante da espécie *Pavo cristatus* expressou tal ato 24 vezes.

O ato de alocação ocorreu 17 vezes durante as quarenta e cinco horas de observação. Mendes (1998) afirma que esse ato tende a aproximar os membros do grupo e concorda com

Rands e colaboradores (1984, *apud* Mendes 1998) que considera o ato imaturo quando ocorre entre machos, enfatizando ser um indício de laços parentescos.

O ato de bicar a pata foi expresso 15 vezes durante o período de observação. Marchi, (2009) em seu estudo sobre a síndrome de autobicamento em aves ornamentais, constatou que isto está associado ao estresse ambiental, emocional, deficiências nutricionais e falta de luz solar. Segundo ela o grande número de casos da Síndrome do autobicamento, aponta que aves silvestres, mantidas em cativeiro, não estão sendo bem tratadas, por "descuido" ou pouco conhecimento a respeito de proprietários ou criadores.

A impermeabilização das penas ocorreu 481 vezes. Esse ato também foi observado por Assis (2013), que afirma em seu trabalho intitulado “Enriquecimento ambiental no comportamento e bem-estar de calopsitas (*Nymphicus hollandicus*)”: “que os psitacídeos passam uma grande parte do seu tempo na manutenção das plumas, lubrificando e protegendo-as com óleo da glândula uropigiana, mas, esse comportamento aumenta quando o ambiente cativo se torna entediante”.

A ciência veterinária tem como entendimento de boa qualidade do bem-estar animal, se o mesmo estivesse saudável (livre de doença) e bem alimentado, sendo assim, não haveria sofrimento ao animal. No entanto, esse conceito não leva em consideração o suprimento das necessidades etológicas e outros fatores que são fundamentais na garantia do bem-estar de um animal, tendo como resultado o sofrimento psicológico (ALGER, 2008 *apud* COSTA-E-SILVA *et al.*, 2009).

Ferreira (2004) traz, de acordo com a língua portuguesa, o conceito de bem-estar, como o estado de satisfação física e moral, estado de conforto. Popularmente, o termo refere-se a uma sensação boa, relacionada ao ambiente e às condições do animal, envolvendo percepções psicológicas e não somente físicas. Broom e Johnson (1993, *apud* COSTA-E-SILVA *et al.*, 2009) trazem o conceito de bem-estar para a ciência como “o estado de um indivíduo em relação às suas tentativas de se adaptar ao seu ambiente”. Sendo assim, essas definições distanciam o conceito científico do popular: o bem-estar é algo que não pode ser fornecido ao animal e sim, uma característica do indivíduo. Cabe ao ser humano ações que possam melhorar o bem-estar, porém, não se trata de fornecer um recurso ou ação para isso.

Os comportamentos de corte não foram observados devido ao confinamento e por esta pesquisa não ter sido realizada durante a época de reprodução dessas aves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com o presente estudo mostram uma porção significativa do repertório comportamental expresso pelo *Pavo cristatus* cativo, o que, além de auxiliar no manejo dessa espécie em cativeiro, mantendo sua qualidade de vida, enriquece a linha de conhecimentos a respeito da biologia destas aves.

Esse é o primeiro estudo a analisar o comportamento dessa espécie em cativeiro. Portanto, o repertório apresentado pode apresentar variações quando comparados com um representante de vida livre da mesma espécie, levando em consideração a interferência causada pelas condições impostas pelo cativeiro. Ainda é necessária uma maior carga horária de estudo para que seja possível observar alguns comportamentos que não foram expressos durante a realização desse trabalho, como por exemplo, os comportamentos de reprodução.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. C. F. DE.; SILVEIRA, B. M. DA.; OLIVEIRA, M. A. Análise comportamental do pelicano-branco (*pelecanus onocrotalus*, Linnaeus, 1758) em cativeiro no parque estadual dois irmãos, 2009. In: OLIVEIRA, H. S.; SOUZA, D. R. A.; SILVA, M. N. Etograma do Carcará (*Caracara Plancus*, Miller, 1777) (Aves, Falconidae), em cativeiro. **Revista de Etologia**. V. 13, n. 2, p. 1 -9, 2014.

ALGER, B. Who is responsible for animal welfare? The veterinary answer, 2008. In: COSTA-E-SILVA, E. V.; RUEDA, P. M.; RANGEL, J. M. R.; ZÚCCARI, C. E. S. N. Bem-Estar, Ambiência e Saúde Animal. **Ciência Animal Brasileira**. V.121, p. 1-15, 2009.

ALMEIDA, A. C. DE. **Influência do enriquecimento ambiental em Araras-Canindé (*Ara ararauna*)**. 137f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Zoologia, setor Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

ALMEIDA, F. M. DE. Bioética aplicada a animais de zoológicos. 2005. In: SANDERS, A.; FEIJÓ, A. G. S. Uma reflexão sobre animais selvagens *cativos em zoológicos na sociedade atual. **Revista da Sociedade Rio-Grandense de Bioética**. V. 1, n. 4, p. 1-10, 2007.

BOSTOCK, S. S. C. Zoos and zoological parks. In: SANDERS, A.; FEIJÓ, A. G. S. Uma reflexão sobre animais selvagens cativos em zoológicos na sociedade atual. **Revista da Sociedade Rio-Grandense de Bioética**. V. 1, n. 4, p. 1-10, 2007.

BRASIL. **Instrução Normativa 001/89-P, de 19 de outubro de 1989**. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/legislacao/IN0189.htm>> Acesso: 05 ago 2017, 1989.

BRASIL. Lei Federal nº 7173, de 14 de dezembro de 1983. **Dispõe sobre o estabelecimento e funcionamento de jardins zoológicos e dá outras providências**. Ministério do meio ambiente, dos recursos hídricos e da Amazônia legal, Instituto Brasileiro do meio ambiente e dos recursos renováveis. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L7173.htm. Acesso: 05 ago 2017, 1983.
BROOM, D. M.; MOLENTO, C. F.M. Bem-estar animal: Conceito e questões relacionadas – Revisão. **Archives of Veterinary Science**. V. 9, n. 2, p. 1-11, 2004.

BROOM, D. M; JOHNSON, K. G. Stress and animal welfare, 1993. In: COSTA-E-SILVA, E. V.; RUEDA, P. M.; RANGEL, J. M. R.; ZÚCCARI, C. E. S. N. Bem-Estar, Ambiência e Saúde Animal. **Ciência Animal Brasileira**. V.121, n.1, p. 1-15, 2009.

CARLSON, N.R. Fisiologia do comportamento. 7ed. Barueri-SP: Manole, 2002, 699 p. In: COSTA-E-SILVA, E. V.; RUEDA, P. M.; RANGEL, J. M. R.; ZÚCCARI, C. E. S. N. Bem-Estar, Ambiência e Saúde Animal. **Ciência Animal Brasileira**. V.121, n.1, p. 1-15, 2009.

COSTA-E-SILVA, E. V.; RUEDA, P. M.; RANGEL, J. M. R.; ZÚCCARI, C. E. S. N. Bem-Estar, Ambiência e Saúde Animal. **Ciência Animal Brasileira**. V.121, n.1, p. 1-15, 2009.

DALY e WILSON. Homicídios, 2005. In: Snowden, C. T. O significado da pesquisa em Comportamento Animal. **Estudos da Psicologia**. V. 4, n.2, p. 3605-373, 1999.

DEL-CLARO, K. **Comportamento animal**: Uma introdução à ecologia comportamental. Ed. 1. Jundiaí: Livraria Conceito, 132 p. 2004.

DEL-CLARO, K. **Introdução à ecologia comportamental: um manual para o estudo do comportamento animal**. Ed. 1. Rio de Janeiro: Technical Books, p. 1-134, 2004.

FERREIRA, ABH. **Mini Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa**. Ed. 6. Curitiba: Editora Positivo, 896p., 2004.

FREITAS, H. T. D.; ALESSIO, C. E. **Análise comportamental do Gato-Mourisco (*Puma yagouaroundi*) cativo no zoológico do Parque Municipal Danilo Galafassi – Município de Cascavel, PR**. 11f. Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) – Ciências Biológicas, Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel, 2016.

MARCHI, N. A.; LEONARDO, J. M. O.; SANTOS, J. M. G. Síndrome do auto bicamento em aves ornamentais. In: V Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar, 2009, Maringá. **Artigos**. Cesumar, 2009.

MENCH, J. Why is importante to understand animal behavior, 1998. In: ALMEIDA, A. C. DE. **Influência do enriquecimento ambiental em Araras-Canindé (*Ara ararauna*)**. 137f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Zoologia, setor Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MENDES, J. C. P. **Organização social e vocalizações no Pavão Azul (*Pavo cristatus*)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Etologia, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 1998.

MILITÃO, C. Enriquecimento Ambiental. In: SILVA, A. T.; MACÊDO, M. E. A importância do enriquecimento ambiental para o bem estar dos animais em zoológicos. **Acervo da Iniciação Científica**. V.1, n. 2, p. 426-440, 2013.

MUNSON e COOK. Monitoring investigation and surveillance of diseases in captive wildlife, 1993. In: VIANA, F. J. C.; RIZZO, M. S.; FREIRE, S. M. Biossegurança no manejo de animais silvestres em áreas de confinamento no Estado do Piauí. **Jornal Interdisciplinar de Biociências**. V. 1, n.1, p. 23-27, 2016.

OLIVEIRA, H. S.; SOUZA, D. R. A.; SILVA, M. N. Etograma do Carcará (*Caracara Plancus*, Miller, 1777) (Aves, Falconidae), em cativeiro. **Revista de Etologia**. V. 13, n. 2, p. 1 -9, 2014.

RANDS, M. R. W.; RIDLEY, A. D; LELLION, A. D. The social organization of feral peofowl. 1984. In: MENDES, J. C. P. **Organização social e vocalizações no Pavão Azul (*Pavo cristatus*)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Etologia, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 1998.

REVISTA COLETIVA. **A história dos zoológicos**. Disponível em: <<http://www.coletiva.org/index.php/artigo/a-historia-dos-zoologicos/>>. Acesso em: 09 set 2016, 2011.

SAAD, C.; SAAD, F.; FRANÇA, J. Bem estar em animais de zoológicos. **Revista Brasileira de Zootecnia**. V.40, n.1, p.38-43, 2011.

SANDERS, A.; FEIJÓ, A. G. S. Uma reflexão sobre animais selvagens cativos em zoológicos na sociedade atual. **Revista da Sociedade Rio-Grandense de Bioética**. V. 1, n. 4, p. 1-10, 2007.

SCHLEIDT, W. M.; YAKALIS, G.; DONNELLY, MCGARRY, J. A proposal for standart ethogram exemplified by an ethogram of bluebreasted quail (*Coturnix coturnix*), 1984. In: MENDES, J. C. P. **Organização social e vocalizações no Pavão Azul (*Pavo cristatus*)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Etologia, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 1998.

SILVA, A. T.; MACÊDO, M. E. A importância do enriquecimento ambiental para o bem estar dos animais em zoológicos. **Acervo da Iniciação Científica**. V.1, n. 2, p. 426-440, 2013.

SILVA, H. G. DE.; ITA, A. O. DE.; LEGORRET, R. A. M. **Pavo cristatus. Vertebrados superiores exóticos en México: diversidad, distribución y efectos potenciales**. Disponível em: <<http://www.conabio.gob.mx/conocimiento/exoticas/fichaexoticas/Pavocristatus00.pdf>> Acesso: 21 set 2016, 2005.

SNOWDON, C. T. O significado da pesquisa em Comportamento Animal. **Estudos da Psicologia**. V. 4, n.2, p. 365-373, 1999.

VIANA, F. J. C.; RIZZO, M. S.; FREIRE, S. M. Biossegurança no manejo de animais silvestres em áreas de confinamento no Estado do Piauí. **Jornal Interdisciplinar de Biociências**. V. 1, n.1, p. 23-27, 2016.

VASCONCELLOS, A. S. Enriquecimento ambiental e bem-estar, 2005. In: FREITAS, H. T. D.; ALESSIO, C. E. **Análise comportamental do Gato-Mourisco (*Puma yagouaroundi*) cativo no zoológico do Parque Municipal Danilo Galafassi – Município de Cascavel, PR**. 11f. Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) – Ciências Biológicas, Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel, 2016.

WEARY, D. M.; HUZZEY, J. M.; Von KEYSERLINGK, M. A.G.; BOARD-INVITED REVIEW: Using behavior to predict and identify ill health in animals, 2009. In: COSTA-E-

SILVA, E. V.; RUEDA, P. M.; RANGEL, J. M. R.; ZÚCCARI, C. E. S. N. Bem-Estar, Ambiência e Saúde Animal. **Ciência Animal Brasileira**. V.121, p. 1-15, 2009.

WHEATER, R.; KARSTEN, SEAL, U. (eds). The word zoo conservation strategy: the role of zoos and aquária of world in global conservation. In: SILVA, A. T.; MACÊDO, M. E. A importância do enriquecimento ambiental para o bem estar dos animais em zoológicos. **Acervo da Iniciação Científica**. V.1, n. 2, p. 426-440, 2013.

APÊNDICE A – Descrição dos comportamentos expressos pelo Pavão azul (*Pavo cristatus*).

ALERTA

1. **Vigilante:** Ave estava de pé ou deitada no substrato, com o tronco orientado para “frente”, pescoço estendido e orientado para “frente-cima”, a cabeça era orientada em várias direções de acordo com o estímulo gerado pelo ambiente; asa e leque fechados e orientados para “atrás” (MENDES, 1998).

ALIMENTAÇÃO

1. **Beber água:** Ave estava de pé, com tronco e pescoço orientados para “frente-baixo”, assim como a cabeça. Asa e leque fechados e orientados para “atrás” (MENDES, 1998).
2. **Ciscar:** A ave caminhava com a cabeça e pescoço orientados para “frente-baixo” próximo ao substrato e bicava o chão, não sendo possível observar se ocorria ingestão (OLIVEIRA *et al.*, 2014).
3. **Comer:** Ave de pé, com tronco, pescoço e cabeça orientados para “frente-baixo/frente” o que interfere no comprimento do pescoço, asa e leque fechados e orientados para “atrás” ou “atrás-baixo”. Para ingerir o alimento ocorreu variações no comprimento do pescoço (MENDES, 1998).

DESCANSO

1. **Bocejar:** Ave estava de pé ou deitada sobre o substrato, com o tronco orientado para “frente”, assim como a cabeça; abria o bico e elevava a língua ao mesmo tempo.
2. **Deitado:** Ave com o ventre apoiado no solo/substrato ou no poleiro, o pescoço podia estar encolhido ou estendido e orientado para diversas posições; asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo” (MENDES, 1998).
3. **Dormir:** Ave apoiada com o ventre no substrato, fechava os olhos por alguns minutos. O pescoço ficava apoiado sobre o ventre, assim como a cabeça; as asas e leque permaneciam fechados e orientados para “atrás-baixo”.

4. **Parado:** Ave de pé, asa, cauda e/ou leque fechados, com tronco orientado para frente, pescoço ondulado ou estendido, orientado para diversas posições, assim como a cabeça (MENDES, 1998).

ESTEREOTIPIA

1. **Coprofagia:** Ave caminhava com tronco orientado para “frente”, pescoço estendido e orientado para “frente-baixo”, assim como a cabeça. Ocorria a ingestão de fezes presentes no substrato. Asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo”.
2. **Imitar mastigação:** A ave abria e fechava o bico alternadamente e repetidamente, algumas vezes estava de pé, e outras, deitada sobre o substrato.
3. **Ingerir capim:** Ave estava de pé, com o tronco orientado para “frente”, o pescoço e cabeça estavam orientados para “frente-baixo”. Fazia a ingestão de capim.
4. **Sacudir a cabeça:** Ave de pé ou deitada sobre o substrato, o pescoço podia estar ondulado ou estendido. Sacudia a cabeça aleatoriamente e repentinamente.

LOCOMOÇÃO

1. **Alçar voo:** Ave de pé, efetuava o ato “correr” e batia as asas em um plano horizontal.
2. **Andar:** Ave de pé, com as asas fechadas, leque fechado e orientado para “atrás-baixo”. Para a execução dos passos a ave projetava o tronco para “frente”, a cabeça era orientada para “frente-cima”, o pescoço estava ondulado ou estendido e projetado para “frente-cima”. Alternava a posição das patas entre “atrás-baixo e frente-baixo”. Foi registrado também o movimento com deslocamento lateral (MENDES, 1998)
3. **Correr:** A posição e execução é a mesma do movimento de “andar”, no entanto a posição das patas era alternada com maior frequência (MENDES, 1998).
4. **Salto/Pequeno Voo:** Indivíduo flexionava as duas patas, olhava para o local de pouso, inclinava o corpo para “frente-cima” e saltava batendo as asas uma ou duas vezes (MENDES, 1998).

MANUTENÇÃO

1. **Abrir asa:** Ave de pé, com o tronco orientado para “frente”, com o pescoço estendido e orientado para “frente-cima”, assim como a cabeça; sem sair do lugar abria a asa e permanecia com ela aberta por alguns minutos.
2. **Arrumar asa:** Ave de pé, abria rapidamente a asa orientando-a para “cima” e a fechava novamente, deixando-a orientada para “atrás-baixo”.
3. **Banho de areia/esgravatar:** Ave permanecia deitada no substrato em diversas posições, a asa semiaberta e orientada para “atrás” ou “atrás-baixo”, leque fechado. Para que o bico entrasse em contato com o substrato a cabeça e o pescoço eram direcionados para várias posições (“direita-baixo”, esquerda-baixo e “frente-baixo”). A ave movimentava as patas alternadamente entre “frente-baixo” e “atrás-baixo” movendo o solo e o jogando para cima das penas de seu corpo (MENDES, 1998).
4. **Coçar:** A ave erguia uma das patas até a altura de seu peito e com as garras entreabertas, com a pescoço inclinado para “frente-baixo”, com a cabeça inclinada lateralmente, coçava a região da cabeça, pescoço e bico (OLIVEIRA *et al.*, 2014).
5. **Limpar o bico:** Ave estava de pé ou deitada sobre o substrato, o pescoço apresentava comprimento variado e a cabeça várias orientações. Para a execução desse ato raspava as laterais do bico alternadamente no poleiro ou no substrato (OLIVEIRA *et al.*, 2014).
6. **Limpar penas:** Para a limpeza das penas, a ave utilizava o bico. Alisava as penas puxando-as da base até a extremidade. Durante a execução desse ato a cabeça e pescoço eram movimentados de acordo com a localização das penas (OLIVEIRA *et al.*, 2014).
7. **Impermeabilização das penas:** Durante a execução do ato “Limpar penas” com o auxílio da glândula uropigiana localizada na região dorsal superior da ave, ocorria a impermeabilização das penas.
8. **Sacudir a plumagem do corpo:** Ave de pé, com o tronco orientado para “frente”, pescoço ondulado ou estendido orientado para “frente-cima”, cabeça orientada para “frente”. Sacodia o corpo de forma que as penas ficavam eriçadas.
9. **Erguer pata:** Ave de pé, com o tronco orientado para “frente”, pescoço estendido e orientado para “frente-cima, assim como a cabeça, asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo”, erguia uma das patas na altura do tronco, permanecendo nessa posição por alguns minutos.
10. **Esticar pata:** Ave de pé, com o tronco orientado para “frente”, pescoço estendido e orientado para “frente-cima”, a cabeça orientada para “frente”, asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo”, permanecia apoiado sobre uma das patas enquanto alongava a outra para “atrás”.

11. **Urinar/Defecar:** Apoiada sobre as duas patas, levantava levemente a cauda eriçando as penas e eliminava as fezes e/ou urina (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

SOCIAL AGONÍSTICO

1. **Bicar:** A ave estava andando, deitada ou parada. A cabeça/bico e o pescoço eram deslocados em planos verticais e/ou laterais repentinamente no sentido de outro membro do grupo (MENDES, 1998).

SOCIAL NÃO AGONÍSTICO

1. **Abrir leque:** Ave de pé, com o tronco orientado para “frente”, o pescoço estendido e orientado para “frente-cima”, cabeça orientada para “frente”, asas fechadas e orientadas para “atrás-baixo”, penas do leque abertas por alguns minutos e orientadas para “frente-cima”.
2. **Alocatagem:** A ave estava deitada sobre o substrato ou de pé, o tronco estava orientado para “frente-baixo”, o pescoço, ondulado ou estendido, dependendo da distância do outro indivíduo e orientado para “frente”, a cabeça voltada para “frente-baixo”, asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo”. Lentamente movimentava o pescoço/cabeça de maneira que pudesse tocar com o bico nas regiões que rodeiam os olhos, a base do bico ou as hastes das plúmulas do outro indivíduo (fêmeas).
3. **Andar lado a lado:** A ave efetuava o ato de “andar”, deslocando-se em várias direções, acompanhando os movimentos do adversário (MENDES, 1998).
4. **Corte:** A ave deslocava-se em semicírculo, de pé, com o tronco orientado para “frente-esquerda”; assim como o pescoço ondulado, a cabeça está para “frente-baixo” e inclinada para a esquerda, asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo” (MENDES, 1998).
5. **Estufar-se:** Ave de pé, com pescoço estendido e orientado para “frente”, assim como a cabeça, asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo”, estufava o peito e permanecia nessa posição por alguns minutos.
6. **Seguir um macho:** A ave exerce uma sequência de “andar” e “correr” com o objetivo de defender seu território, a interação tende a terminar com a fuga do invasor (MENDES, 1998).
7. **Vocalizar:** A ave permanece com a postura ereta, com o pescoço esticado e orientado para “frente-cima”, a cabeça voltada para “frente”; abre o bico para a emissão do som (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

ATOS COMPORTAMENTAIS OBSERVADOS SEM CATEGORIAS IDENTIFICADAS

1. **Bicar pata:** Ave de pé, com o tronco orientado para “frente”, o pescoço estendido e orientado para “atrás-baixo”, assim como a cabeça, bicava uma das patas.
2. **Trocar apoio:** Ave de pé, com o tronco orientado para “frente”, com o pescoço estendido e orientado para “frente-cima”, a cabeça era orientada para diversas posições, asa e leque fechados e orientados para “atrás-baixo”, apoiava o corpo sobre apenas uma das patas enquanto a outra está elevada do chão.

APÊNDICE B – Atos exibidos pelo *Pavo cristatus*, dias de amostragem: 1 a 5.

Categorias e ato comportamental	Dias de amostragem					Total
	1	2	3	4	5	
ALERTA						
Vigilante	259	131	324	197	491	1402
ALIMENTAÇÃO						
Beber água	1	0	0	0	0	1
Ciscar	8	18	3	14	26	69
Comer	2	3	0	15	36	56
DESCANSO						
Bocejar	55	81	14	13	0	163
Deitado	0	0	0	0	4	4
Dormir	0	0	0	0	0	0
Parado	22	43	41	98	19	223
ESTEREOTÍPIA						
Coprofagia	0	0	0	0	0	0
Imitar mastigação	5	10	2	0	6	23
Ingerir capim	0	2	11	3	4	20
Sacudir a cabeça	3	20	8	16	22	69
LOCOMOÇÃO						
Alçar voo	0	0	0	1	0	1
Andar	113	40	26	72	63	314
Correr	0	0	0	1	1	2
Salto/Pequeno Voo	1	1	1	4	4	11
MANUTENÇÃO						
Abrir asa	0	0	0	0	4	4
Arrumar asa	3	23	0	1	6	33
Banho de areia/esgravatar	0	0	0	0	0	0
Coçar	2	4	4	2	10	22
Erguer pata	2	1	3	2	1	9
Esticar pata	0	0	0	0	0	0
Impermeabilização das penas	15	7	6	9	3	40
Limpar o bico	0	0	0	0	5	5
Limpar penas	91	75	102	46	263	577
Sacudir a plumagem do corpo	7	3	0	11	1	22
Urinar/Defecar	0	0	0	1	2	3
SOCIAL AGONISTICO						
Bicar	0	0	0	0	0	0
SOCIAL NÃO AGONISTICO						
Abrir leque	9	25	6	8	0	48
Alocatagem	0	0	0	0	0	0
Andar lado a lado	0	0	0	0	0	0
Corte	1	2	2	0	2	7
Estufar-se	2	0	1	0	5	8
Seguir um macho	0	0	0	1	0	1
Vocalizar	2	2	9	14	0	27
SEM CATEGORIA DEFINIDA						
Bicar pata	1	0	0	1	2	4
Trocar apoio	0	0	7	10	35	52

Fonte: Próprio autor.

APÊNDICE C: Atos exibidos pelo *Pavo cristatus*, dias de amostragem: 6 a 10.

Categorias e ato comportamental	Dias de amostragem					Total
	6	7	8	9	10	
ALERTA						
Vigilante	629	419	554	565	385	2552
ALIMENTAÇÃO						
Beber água	0	2	0	2	0	4
Ciscar	59	448	41	55	24	627
Comer	81	71	0	63	56	271
DESCANSO						
Bocejar	0	0	2	0	0	2
Deitado	3	1	2	1	1	8
Dormir	7	0	36	10	3	56
Parado	4	5	5	4	0	18
ESTEREOTIPIA						
Coprofagia	0	0	0	6	1	7
Imitar mastigação	11	2	1	5	11	30
Ingerir capim	4	0	4	11	6	25
Sacudir a cabeça	94	44	68	36	25	267
LOCOMOÇÃO						
Alçar voo	1	0	0	0	0	1
Andar	113	70	81	131	87	482
Correr	2	0	0	0	0	2
Salto/Pequeno Voo	2	1	0	2	3	8
MANUTENÇÃO						
Abrir asa	7	3	3	0	0	13
Arrumar asa	12	9	4	0	4	29
Banho de areia/esgravatar	0	0	0	0	0	0
Coçar	11	9	7	8	2	37
Erguer pata	20	10	9	1	3	43
Esticar pata	0	1	1	0	0	2
Impermeabilização das penas	83	69	43	85	46	326
Limpar o bico	2	2	1	1	0	6
Limpar penas	419	338	257	518	220	1752
Sacudir a plumagem	4	2	2	2	1	11
Urinar/Defecar	3	0	1	1	3	8
SOCIAL AGONISTICO						
Bicar	0	0	1	1	0	2
SOCIAL NÃO AGONISTICO						
Abrir leque	0	0	0	0	0	0
Alocatagem	5	0	0	7	0	12
Andar lado a lado	0	0	0	0	1	1
Corte	0	0	0	0	0	0
Estufar-se	9	3	3	1	0	16
Seguir um macho	3	0	0	0	1	4
Vocalizar	0	1	3	0	0	4
SEM CATEGORIA DEFINIDA						
Bicar pata	1	2	0	0	0	3
Trocar apoio	12	10	1	4	10	37

Fonte: Próprio autor.

APÊNDICE D: Atos exibidos pelo Pavo cristatus, dias de amostragem: 11 a 15.

Categorias e ato comportamental	Dias de amostragem					Total
	11	12	13	14	15	
ALERTA						
Vigilante	433	420	507	292	304	1956
ALIMENTAÇÃO						
Beber água	8	0	0	0	0	8
Ciscar	55	12	41	23	15	146
Comer	5	46	71	6	0	128
DESCANSO						
Bocejar	3	0	1	1	10	15
Deitado	6	5	4	5	1	21
Dormir	2	12	20	19	23	76
Parado	13	5	1	9	2	30
ESTEREOTIPIA						
Coprofagia	1	0	0	2	0	3
Imitar mastigação	4	15	1	2	0	22
Ingerir capim	4	0	0	0	0	4
Sacudir a cabeça	20	73	53	8	17	171
LOCOMOÇÃO						
Alçar voo	0	0	1	0	0	1
Andar	79	67	37	7	4	194
Correr	0	0	1	0	0	1
Salto/Pequeno Voo	0	0	0	0	0	0
MANUTENÇÃO						
Abrir asa	2	1	0	0	0	3
Arrumar asa	3	1	3	0	0	7
Banho de areia/esgravatar	22	0	0	2	0	24
Coçar	4	4	8	4	2	22
Erguer pata	3	2	0	0	0	5
Esticar pata	1	0	0	0	0	1
Impermeabilização das penas	26	18	21	24	26	115
Limpar o bico	0	0	0	0	0	0
Limpar penas	187	119	191	128	97	722
Sacudir a plumagem do corpo	8	0	0	0	0	8
Urinar/Defecar	1	0	0	0	0	1
SOCIAL AGONISTICO						
Bicar	0	1	0	0	0	1
SOCIAL NÃO AGONISTICO						
Abrir leque	2	0	0	0	0	2
Alocatagem	2	3	0	0	0	5
Andar lado a lado	0	0	0	0	0	0
Corte	6	0	0	0	0	6
Estufar-se	3	2	0	0	0	5
Seguir um macho	0	2	0	0	0	2
Vocalizar	0	0	0	0	0	0
SEM CATEGORIA DEFINIDA						
Bicar pata	1	0	0	5	2	8
Trocar apoio	0	0	0	3	0	3

Fonte: Próprio autor.